



R.Trompaz, *SSGE/APAGAMENTO*, 2022

FIGURAÇÃO E ABSTRAÇÃO: UMA DISTRAÇÃO DA LINGUAGEM

LUCAS DILACERDA
ESPECIAL PARA ARTE&CRÍTICA

RESUMO: O objetivo deste ensaio é discutir os limites discursivos das categorias estéticas modernas de figuração e abstração. Para isso, realizamos um diálogo com o pensamento poético de duas artistas contemporâneas brasileiras - Castiel Vitorino Brasileiro e R.Trompaz - que, em seus trabalhos, buscam um tensionamento e borramento dessas categorias binárias, revelando como as classificações modernas de “figuração” e “abstração” podem ser um problema de linguagem e, ao mesmo tempo, uma distração para os reais problemas que uma arte comprometida com a criação de novos modos de ver, sentir e viver poderia se engajar.

PALAVRAS-CHAVE: Figuração. Abstração. Linguagem, Castiel Vitorino Brasileiro. R. Trompaz

ABSTRACT: The objective of this essay is to discuss the discursive limits of the modern aesthetic categories of figuration and abstraction. To this end, we carry out a dialogue with the poetic thought of two contemporary Brazilian artists - Castiel Vitorino Brasileiro and R.Trompaz - who, in their works, seek to tension and blur these binary categories, revealing how the modern classifications of “figuration” and “abstraction” can be a problem of language and, at the same time, a distraction from the real problems that an art committed to creating new ways of seeing, feeling and living could engage with.

KEYWORDS: Figuration. Abstraction. Language. Castiel Vitorino Brasileiro. R. Trompaz

ARMADILHAS E DISTRAÇÕES

A artista Castiel Vitorino Brasileiro embarca numa jornada fascinante de questionamento e redefinição de linguagem, identidade e expressão artística, em contraposição ao legado colonial da língua portuguesa. Esse esforço em explorar outras séries de sistemas linguísticos, como o sistema bambu, e a integração dos desenhos usados nos rituais de religiões de matriz africana refletem uma busca profunda por formas de expressão que transcendem o legado colonial e se conectam com uma herança cultural e espiritual mais ampla.

Ao questionar as distinções entre figurativo e abstrato, a artista levanta uma questão fundamental sobre a relatividade da percepção artística. O que é considerado abstrato em uma cultura pode ter significados concretos e profundos em outra, desafiando a ideia de que estas categorias são universais ou absolutas. Ela propõe uma reflexão crítica sobre como as noções de figurativo e abstrato são

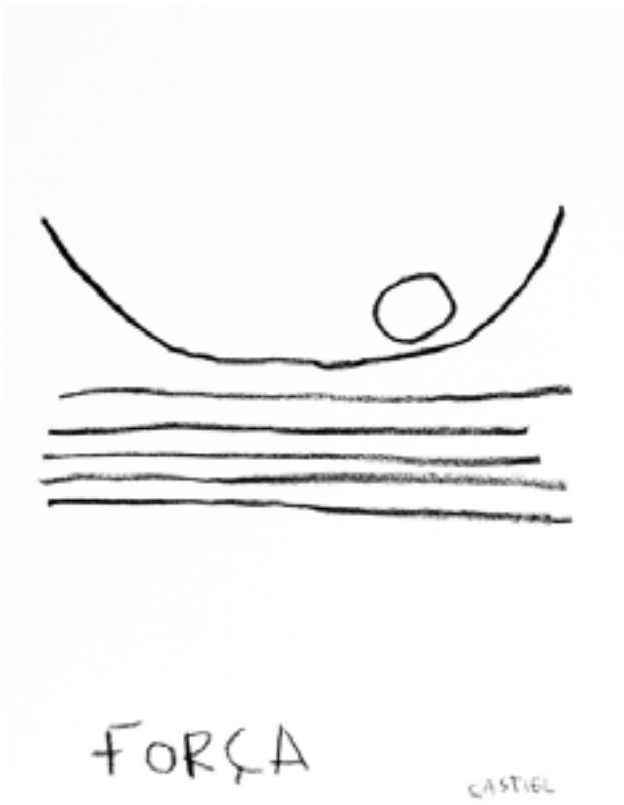


Imagem 1. Castiel Vitorino Brasileiro, *A língua dos seres híbridos*, 2023.

moldadas pelo contexto cultural e pelas estruturas de poder subjacentes à própria linguagem e à representação artística.

ABSTRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO SÃO APENAS DOIS SABORES DOCES QUE HÁ TEMPOS ME FAZER TER DOR DE CABEÇA QUANDO ME OBRIGAM A TER

QUE ESCOLHER POR APENAS UM OU ATÉ MESMO TER QUE ESCOLHER POR ALGUM... MEU PALADAR MUDOU... ESSE CONFLITO ENTRE ABSTRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO É APENAS DISTRAÇÃO QUE NOS DIFICULTA ADENTRAR EM OUTROS DILEMAS DE NOSSA EXISTÊNCIA EXTRATERRENA. ASSIM COMO AQUELES PROBLEMAS, QUE CONSTUMAMOS DEFENDER: “UMBANDAS KIMBANDAS OMOLOCÔ JUREMAS SÃO MAIS FRACAS QUE CANDOMBLÉS”. NÃO! QUE LÓGICA ESTRANHA, COMPETITIVA, COLONIAL... SIM, A VERDADE É QUE AS HISTÓRICAS RISCADAS EM TERREIROS DE UMBANDA/ OMOLOCO/KIMBANDA, POR EXUS, POMBAGIRAS, CABOCLOS, MARUJOS, BOIADEROS, PRETAS VELHAS, SEREIAS, OGUNS... SÃO SISTEMAS DE LINGUAGEM FUNDAMENTOS EM LÍNGUAS ESCONDIDAS / PERDIDAS / PRESERVADAS / MODIFICADAS DE MEUS POVOS BANTU. E AQUI ESTOU. NESTA ENCARNAÇÃO CHAMADA CASTIEL VITORINO BRASILEIRO.... (CASTIEL, 2022)

Ao desfazer a binaridade entre figurativo e abstrato, a artista não apenas sublinha a necessidade

de questionar e expandir nossos entendimentos sobre arte e expressão, mas também aponta para a armadilha que essa dicotomia representa. Essa “armadilha” de que fala pode ser entendida como a tendência de enquadrar a arte dentro de categorias rígidas e dualistas que, em última análise, limitam a compreensão e apreciação da diversidade de práticas artísticas. A insistência nessas categorizações não apenas simplifica a riqueza da expressão artística, mas também pode marginalizar formas de arte que não se encaixam facilmente dentro desses parâmetros definidos.

A discussão proposta por esta artista é particularmente relevante no contexto de uma cultura globalizada, onde o encontro de diferentes tradições e perspectivas desafia constantemente as normas estabelecidas. Ao reivindicar sistemas linguísticos e formas de expressão não coloniais, a artista não apenas afirma sua própria identidade e herança cultural, mas também contribui para um campo artístico mais multifacetado. Ela

nos convida a considerar que as formas pelas quais entendemos e classificamos a arte são construções culturais sujeitas a revisão e transformação.

Esse diálogo crucial sobre as nuances da expressão artística ressalta a importância de abordagens mais flexíveis, que reconheçam e celebrem a multiplicidade de vozes, técnicas e tradições dentro do mundo da arte. Ao fazer isso, podemos começar a desmontar as estruturas de poder que sustentam as hierarquias artísticas e abrir espaço para uma diversidade verdadeiramente representativa de práticas e percepções artísticas.

A abordagem de R.Trompaz, em sua obra *SSGE/APAGAMENTO* (2022), traz à tona reflexões essenciais sobre o papel da arte enquanto mecanismo de representação e ação política. Ao desafiar a interpretação de sua obra como abstração e reivindicá-la dentro do campo do realismo, Trompaz expande a compreensão convencional dessas categorias, sugerindo que as formas de representar a realidade

em arte podem ser múltiplas e diversificadas.

Esta discussão se insere dentro de uma linha de pensamento mais ampla acerca de como a arte não se limita a representar a política apenas ao abordar explicitamente temas políticos. Ao invés disso, a arte também atua politicamente pelo modo como transforma a percepção, sensibilidade e imaginação do espectador. Isso se alinha à ideia de “Paisagens sociais”, concepção que propõe reflexões sobre as possibilidades da arte em influenciar e modificar a maneira como percebemos e nos relacionamos com o mundo social e político ao nosso redor.

A arte política, portanto, não é apenas a que discute questões políticas de maneira direta; é também aquela que, através do seu modo de fazer, do seu processo criativo e das escolhas estéticas, consegue instigar reflexão, gerar questionamentos e promover uma consciência crítica nos espectadores. Essa capacidade



Imagem 2. R.Trompaz,
SSGE/APAGAMENTO, 2022

de agir sobre a percepção e a sensibilidade - de usar a imaginação como campo de batalha - é, em si, um ato político poderoso.

Esse entendimento ampliado do que constitui a arte política ressalta a importância de reconhecer o potencial subversivo e transformador da arte, mesmo (ou especialmente) quando ela não trata diretamente de questões políticas específicas. Ao alterar as formas de perceber e sentir, a arte pode contribuir para uma mudança na consciência social e, por consequência, promover mudanças no mundo material.

Dessa forma, a obra *SSGE/APAGAMENTO* (2022) e o diálogo que ela instaura enfatizam o compromisso do artista em explorar e desafiar os limites entre o abstrato e o real, e entre arte e política, abrindo espaço para uma compreensão mais complexa e multifacetada do poder da arte como ferramenta de reflexão e ação política.

Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de

abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada mais difícil, menos visível a olho nu (LISPECTOR, 1984, p. 642).

A reflexão apresentada sobre a obra de R.Trompaz, em diálogo com as ideias de Clarice Lispector, toca em pontos cruciais sobre a natureza da arte, seu potencial de representação da realidade e o papel da abstração no entendimento dos fenômenos sociais, especialmente aqueles que são marcados por violências estruturais e invisibilizadas, como o processo de remoção e violência policial nas periferias.

O argumento de que o que muitas vezes é rotulado como “abstrato” na arte pode, na verdade, representar uma faceta da realidade que é mais difícil de ser percebida diretamente, é profundamente relevante. A abstração, nesse sentido, não se afasta da realidade, mas oferece um meio de captar e comunicar aspectos dela que são menos óbvios ou visíveis a olho nu. Isso ressoa com a ideia de que a

realidade em si pode ser abstrata, ou seja, composta por elementos e dinâmicas que não se apresentam de maneira direta ou simples, mas que moldam profundamente a experiência humana.

Quando Trompaz reivindica sua obra como uma forma de realismo, está ampliando a noção tradicional de como a realidade pode ser representada e compreendida por meio da arte. Seu trabalho desafia os espectadores a reconsiderarem suas próprias percepções sobre o que é visto como “real” e o que é considerado “abstrato”, destacando que a distinção entre essas categorias é, muitas vezes, uma questão de perspectiva.

A arte, ao atuar sobre a percepção, a sensibilidade e a imaginação, engaja-se numa forma de micropolítica, conforme mencionado. Essa ação micropolítica pode revelar, criticar e transformar as maneiras pelas quais apreendemos o mundo ao nosso redor, incluindo questões sociais e políticas. Ao fazer isso, a arte não está apenas discutindo

um tema político de maneira direta; ela está engajando na política ao alterar a forma como interpretamos e respondemos ao mundo, promovendo uma reconfiguração da nossa sensibilidade e, potencialmente, das nossas ações e atitudes.

Nesse contexto, o trabalho de Trompaz, assim como as reflexões de Clarice Lispector sobre a abstração e a realidade, convida a uma compreensão mais profunda de como a arte interage com a realidade. Eles sugerem que, através da arte, podemos acessar dimensões da realidade que são complexas, delicadas e muitas vezes ocultas, ampliando nossa capacidade de perceber e reagir aos aspectos mais intrincados e menos visíveis da vida social.

O artista indígena contemporânea Jaider Esbell utiliza a metáfora da “armadilha para armadilhas” para descrever uma estratégia similar de subversão e engajamento crítico com o cárcere estético. Essa abordagem não apenas desafia conceitos estabelecidos sobre arte e beleza, mas também atua como um meio de

resistência e afirmação cultural, construindo “cavalos de Troia” que operam dentro dos sistemas que buscam subverter.

A ideia de essencialismo estratégico é fundamental aqui. Estes artistas, ao empregarem suas raízes culturais e perspectivas únicas, não se limitam a confrontar diretamente o sistema ou a buscar validação nos termos deste. Pelo contrário, eles criam espaços de expressão e reconhecimento que transcendem essas barreiras, demonstrando que a verdadeira liberdade inclui a habilidade de ser estratégico na navegação e no questionamento dos limites impostos pela sociedade. Este é um testemunho poderoso da arte como forma de resistência, diálogo e transformação.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Kalunga: a origem das espécies**. Disponível em: <<https://kalungatheoriginofspecies.com>>

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LUCAS DILACERDA

Curador e Crítico de Arte. É coordenador da CAV - Curadoria em Artes Visuais; do LAC - Laboratório de Arte Contemporânea; e do LEFA - Laboratório de Estética e Filosofia da Arte. Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, com distinção *Summa Cum Laude*, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestre em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC; Graduação em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Ceará; e Mestrado em Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC.